

OS FOJOS DOS LOBOS NA PENÍNSULA IBÉRICA. SUA INVENTARIAÇÃO, CARACTERIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO

F. ALVARES¹, P. ALONSO², P. SIERRA³ E F. PETRUCCI-FONSECA¹

1. Grupo Lobo, FCUL, Edifício C2, Campo Grande, 1700 Lisboa

2. ARCEA, Xestión de Recursos Naturais, Apdo 5330, 36280 Vigo

3. Centro de Recuperación de Fauna silvestre de Coto Redondo, Vilaboa, Pontevedra

RESUMO

Em 1997 iniciou-se um estudo luso-galego que visa caracterizar e conhecer a localização, tipologia, modo de utilização e manutenção dos fojos, na Península Ibérica. Pretende-se avaliar o estado de conservação dos fojos, definir factores responsáveis pela sua deterioração e propor medidas para a sua conservação e utilização turística. Os resultados aqui apresentados são preliminares, dizendo respeito somente aos dados obtidos até à data através da análise da bibliografia disponível, inquéritos e visita a alguns fojos. De acordo com a sua tipologia e modo de utilização existem cinco tipos distintos de fojos: o Fojo simples; o Fojo de Cabrita, o Fojo de paredes convergentes, o Fojo de alcapão e o "Corral". À excepção do fojo simples, que apresenta uma distribuição generalizada, as restantes estruturas distribuem-se maioritariamente nas serras agrestes do Nor-Noroeste Ibérico, estando aparentemente ausentes nas zonas baixas e planálticas mais humanizadas. Verificou-se que a maioria dos fojos não são utilizados há mais de dois séculos sendo as principais ameaças à sua existência os caminhos florestais, o aproveitamento de pedra e o vandalismo. A maioria dos fojos caracterizados encontra-se bastante destruída salvo casos particulares resultantes da sua recente utilização ou da sua recuperação. Por fim, alerta-se para a necessidade da sua divulgação, principalmente junto às populações rurais.

Palavras-chave: *Canis lupus signatus*, Fojos, Península Ibérica, Relação Homem-lobo.

RESUMEN

Las trampas de lobos en la Península Iberica. Su inventaración, caracterización y conservación

En 1997 se inició un estudio luso-galego que pretende caracterizar y conocer la localización, tipologia, modo de utilización y mantenimiento de las trampas de lobos en la Península Ibérica. Se pretende evaluar su estado de conservación, definir factores responsables de su deterioro y proponer medidas para su conservación y utilización turística. Los resultados aquí presentados son preliminares, refiriéndose solamente a los datos obtenidos hasta la fecha, a través del análisis de la bibliografía disponible, visita a alguna trampa y encuestas. Existen cinco tipos distintos de trampas para lobos, de acuerdo con su tipología y modo de utilización: trampa simple, trampa de cabrita, trampa de paredes convergentes, trampa de trampilla y corral. Excepto la trampa simple, que presenta una distribución generalizada, las restantes estructuras se distribuyen mayoritariamente en las sierras agrestes del Nor-Noroeste Ibérico, estando aparentemente ausentes en las zonas bajas o de meseta más humanizadas. Se comprobó que la mayoría de las trampas no fueron utilizadas desde hace más de 2 siglos. Las principales amenazas para su existencia son las pistas forestales, el aprovechamiento de la piedra y el vandalismo. Gran parte de las trampas caracterizadas se encuentran bastante destruidas salvo casos particulares como resultado de su reciente utilización o de su recuperación. Por último, se alerta de la necesidad de divulgación, principalmente en las poblaciones rurales.

Palabras clave: *Canis lupus signatus*, trampas de lobos, Península Ibérica, Relación Hombre-lobo.

ABSTRACT

Wolf traps in the Iberian Peninsula. Its inventorying, characterisation and conservation

In 1997 a Portuguese-Galician study aimed at characterising and knowing the localisation, typology and way of utilisation of wolf traps in the Iberian Peninsula was initiated. The intention was to evaluate the situation in terms of conservation of the wolf-traps as well as to define the factors responsible for their deterioration and to propose measures for their conservation and tourist utilisation. The results presented here are preliminary, and they are based on the data obtained until the present moment, by an analysis of the available bibliography, visits to some wolf-traps and inquiries. There are five distinct types of wolf-traps, the classification being based on their typology and way of utilisation: the "Fojo simples"; the "Fojo de paredes convergentes"; the "Fojo de Cabrita", the "Fojo de alçapão" and the "Corral". With the exception of the "Fojo simples", which has a generalised distribution, the other structures are mainly restricted to the North-Northwest Iberian mountains, and apparently they are absent from the lowlands. It was verified that the majority of the wolf-traps have not been used for over two centuries. The main threats to their preservation are forestall roads, stone exploitation and vandalism. The majority of the characterised wolf-traps are quite damaged although some have been recently used or recovered. Finally, attention is drawn for the need of their diffusion, especially among rural populations.

Key-words: *Canis lupus signatus*, wolf-traps, Iberian Peninsula, Man-Wolf relations.

INTRODUÇÃO

A Península Ibérica foi, desde há muitos séculos, uma região de grande abundância de lobos e onde, ainda no início deste século, este predador apresentava uma distribuição praticamente generalizada (Grande del Brío 1984). No entanto, como é típico de qualquer região da Europa Ocidental, a Península Ibérica é também um território muito humanizado, onde a acção secular do homem se faz sentir em qualquer recanto da paisagem.

Nesta região, a milenar coexistência entre o homem e o lobo, deu origem a manifestações culturais únicas e muito peculiares, como sejam contos, lendas, superstições e formas práticas de defesa dos animais domésticos e combate ao lobo.

Os fojos, armadilhas para a captura do lobo, na maioria dos casos construídas em pedra, talvez sejam o símbolo máximo dessas manifestações culturais a nível ibérico. Isto porque além de serem estruturas cuja construção terá envolvido um enorme esforço e um grande número de pessoas, são também verdadeiros monumentos de elevado valor etnográfico, cultural e científico, e, o Norte da Península Ibérica, parece ser a nível mundial, a região onde existem em maior número e variedade. Além disso, a captura de um lobo num fojo, era motivo de festa, que no caso do fojo de paredes convergentes, poderia envolver os habitantes de várias aldeias da zona, o que, de outra forma, era muito difícil de acontecer.

Contudo, apesar do seu interesse, os fojos têm sido pouco estudados a nível ibérico, correspondendo a escassa e dispersa bibliografia existente, a trabalhos espalhados no tempo e no espaço, resumindo-se, normalmente, a breves referências a determinados fojos ou tipos de fojos (Pinho Leal 1873, Sousa 1909, Fernández de Córdoba 1962, Flower 1971, Valverde 1971, Garzón 1974, Braña et al. 1982, Fontes

1992, Gutierrez Nuño e Nudi 1994 e outros), e nunca a estudos sistemáticos. Como excepção, refira-se o trabalho de Murga (1978), acerca dos fojos de paredes convergentes (sendo de resto, este o tipo de fojo mais referido em toda a bibliografia, e assim, melhor documentado), e os trabalhos de R. Grande del Brío que com um carácter inédito, estudou em toda a Península Ibérica, os vários tipos de fojos (Grande del Brío 1979, 1984; Grande del Brío e Hernando, 1982).

Os dados aqui apresentados, dizem respeito a resultados preliminares de um estudo que está a ser levado a efeito e que visa a identificação e caracterização dos fojos existentes na Península Ibérica. Este trabalho está inserido num projecto Luso-Galego, iniciado em 1997, e da iniciativa do Grupo Lobo-Associação para a defesa do lobo e do seu ecossistema.

O objectivo principal do presente estudo, é a definição dos vários tipos de fojos com vista à obtenção de uma nomenclatura uniforme e universal, com base na sua tipologia e funcionamento. Posteriormente, será elaborada a listagem, a nível ibérico, dos vários fojos conhecidos e referidos nos escassos e dispersos trabalhos efectuados sobre este tema desde o fim do século passado. Deste modo tenciona-se obter a localização de todos os fojos existentes na Península. Com base no trabalho de campo e inquéritos a habitantes rurais, conjuntamente com a consulta bibliográfica de arquivos municipais, eclesiásticos e outros, pretende-se, para cada um dos fojos inventariado, obter o máximo de informação referente à sua caracterização, construção e utilização. Finalmente, tenciona-se efectuar a reconstrução e conservação de determinados fojos, para uso turístico, alertando-se a comunidade rural e científica da sua importância e conservação.

Para a realização deste trabalho, principalmente na uniformização da ficha de caracterização dos fojos, pretende-se a criação e coordenação de uma futura equipa ibérica de investigadores interessados neste tema.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi efectuada uma consulta bibliográfica a trabalhos científicos e literários em Portugal e em Espanha, procurando referências à existência destas construções, de forma a obter, para os vários tipos de fojos, a sua caracterização e uma aproximação da sua distribuição ibérica.

Paralelamente, efectuou-se, somente no Noroeste Ibérico (principalmente norte de Portugal e Galiza), um trabalho de campo, baseado em inquéritos a habitantes locais e visita a vários fojos. Considerou-se um fojo como *provável*, se a sua existência foi detectada pela toponímia ou por inquéritos a habitantes locais, não se tendo no entanto visitado ou encontrada a estrutura do fojo. Os fojos considerados *confirmados*, são os que tendo-se tido conhecimento da sua existência, foram

visitados e alguns deles caracterizados. A caracterização desses fojos compreende a análise da sua localização, tipologia (topografia, superfície ocupada, materiais e modo de construção, morfologia e dimensões) e modo de utilização. Por fim avaliou-se o estado de conservação dos fojos visitados, analisando os factores que contribuíram para a sua deterioração. Os parâmetros quantitativos (e.g. dimensões), foram obtidos através da medição no terreno com uma fita métrica de 25m, e os parâmetros qualitativos (e.g. modo de utilização e manutenção) foram obtidos através de inquéritos aos habitantes mais idosos das aldeias próximas a estas estruturas. Para cada fojo caracterizado foi preenchida uma ficha-tipo, onde se registou toda a informação obtida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As Tabelas 1 e 2 representam para cada província de Portugal e Espanha o número de fojos obtidos através da pesquisa bibliográfica e o número de fojos considerados confirmados e prováveis de acordo com o trabalho de campo. Estes dados foram utilizados na identificação dos vários tipos de fojos e definição das suas áreas de distribuição.

TABELA 1
Nº de fojos referidos na pesquisa bibliográfica
Nº de trampas de lobos encontradas en la bibliografía
Number of wolf-traps mentioned in bibliography

		de paredes convergentes	de cabrita	simples	de alçapão	"corral"
ESPAÑA	Pais Basco	5	---	---	---	---
	Asturias	10	1	---	---	2
	Cantabria	2	---	1	---	---
	Galiza	3	1	10	---	---
	Castilla y León	19	12	5	---	---
	TOTAL	39	14	16	---	2
PORTUGAL	Minho	18	2	2	---	---
	Trás-os-Montes	5	1	---	2	---
	Douro Litoral	1	---	1	---	---
	TOTAL	24	3	3	2	---
TOTAL	TOTAL	63	17	19	2	2

Tipos de fojos e suas variações: caracterização e utilização

A avançada data de construção e o mau estado de conservação da maioria dos fojos, aliado ao reduzido número de trabalhos efectuados sobre este tema e à existência de vários nomes regionais em Espanha que designam o mesmo tipo de fojo, provoca uma certa confusão relativamente aos vários tipos existentes e suas variações.

TABELA 2
 Nº de fojos confirmados e prováveis
Nº de trampas de lobos confirmadas y probables
Number of confirmed and probable wolf-traps

			de paredes convergentes	de cabrita	simples
ESPAÑA	Confirmados	Galiza	7	1	3
		Castilla y León	---	5	---
	Prováveis	Galiza	---	1	2
		Castilla y León	1	---	---
PORTUGAL	Confirmados	Minho	15	1	---
		Trás-os-Montes	6	3	1
	Prováveis	Minho	2	3	1
		Trás-os-Montes	2	7	2
TOTAL	Confirmados	28	10	4	
	Prováveis	5	11	5	

No entanto, classificámos os fojos em cinco tipos, tendo em conta a sua tipologia e o seu modo de funcionamento, pretendendo-se a uniformidade e universalidade da sua nomenclatura.

1. Fojo de Paredes Convergentes

Em Espanha denominado *Chorco* (León), *Callejón* (Cantábria), *Foxo* (Galiza), *Lobera* (León, Alava e Burgos) e *Hoyos, Caones, Caleyos, Hoyas ou Callejos* (Asturias).

É constituído por duas longas paredes, naturais ou artificiais, que convergem para um fosso, o fojo, propriamente dito (Figura 1). A sua utilização estaria sempre associada a uma batida efectuada por um elevado número de pessoas, pertencentes a uma ou mais aldeias, e que levariam o lobo a fugir para a área compreendida pelas paredes, onde este acabaria por cair no fosso, previamente disfarçado com vegetação. Normalmente, as paredes do fojo localizam-se em duas vertentes duma cumeada, de maneira que as extremidades convergentes dos muros e o fosso, se localizem em ladeiras de acentuado declive.

As paredes que convergem para o fosso seriam primitivamente formadas por sebes de vegetação, terra ou paliçadas de madeira (Braña et al. 1982, Patiño, 1985), sendo um exemplo deste tipo de paredes, as existentes no Chorco de Valdeón (León). Mais recentemente as paredes seriam construídas em pedra emparelhada e cruzada, sem qualquer tipo de argamassa, possuindo, assim, um carácter mais resistente e duradouro, como é característico da grande maioria dos fojos existentes. Talvez como forma transitória, Primavera (1998), refere a existência de um fojo na serra da Cabreira (Portugal) com as paredes convergentes constituídas por um muro baixo de terra, sendo posteriormente encimado por pedra.

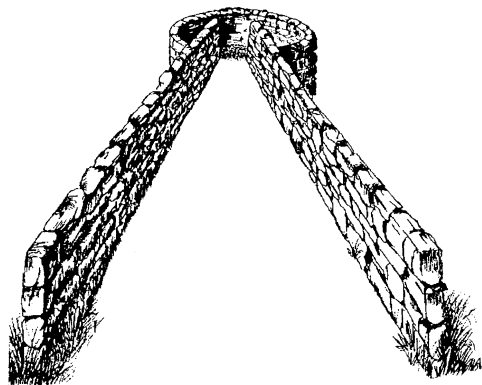


Figura 1. Fojo de paredes convergentes (Fonte: Grande del Brío 1979)
Trampa de lobo de paredes convergentes (Fuente Grande del Brío 1979)

Variações a este tipo de fojo poderá ser o denominado fojo duplo ou em “W”. Esta estrutura consiste de dois fojos de paredes convergentes construídos um ao lado do outro, estando unidos os extremos de duas paredes, formando uma estrutura unitária com dois fossos. Normalmente, as paredes destes fojos, abrem-se para vertentes ou vales distintos, cobrindo assim uma área maior, tornando mais eficiente a captura do lobo. A referência a fojos duplos na bibliografia consultada, resume-se ao Fojo de Gondomar, em Portugal (Flower 1971, Grande del Brío 1984) e à Lobera de Santiago, em Espanha (Grande del Brío 1984). No entanto, baseados no trabalho de campo, confirmámos a existência de um outro na serra do Suido (Galiza) e mais três no Minho (Portugal), o que aparentemente supõe a sua existência, em maior número, nas serras do extremo noroeste ibérico. De referir, que em vários outros fojos observados, embora bastante próximos entre si, as suas paredes não se uniam, não tendo sido por isso considerados uma estrutura única, como o fojo duplo.

O aproveitamento de escarpas, precipícios e afloramentos rochosos como parede e forma de encaminhar o lobo na batida até ao fosso, são outras das variações de alguns destes fojos, aparentemente muito comum na região de Burgos e Alava (Murga 1978, Grande del Brío 1984), tendo sido por nós detectados alguns mais no norte de Portugal e Galiza.

Na Tabela 3 indicam-se as dimensões médias, máximas e mínimas, de várias aspectos deste tipo de fojo, numa amostra de 14 fojos de paredes convergentes até agora caracterizados.

Os dois muros de um fojo deste tipo raramente possuem o mesmo comprimento. Com base na bibliografia consultada, o fojo com a parede de maiores

dimensões é a Lobera de San Miguel, em Burgos (894m), enquanto se considerarmos o comprimento total de ambos os muros o maior fojo citado é o de Toyo, em Burgos, com 1.111m (Murga 1978). No entanto, verificou-se, após o trabalho de campo por nós efectuado, ser o Fojo de Cabana Maior, em Portugal, o maior fojo de paredes convergentes conhecido na Península Ibérica, com uma só parede medindo 1124m, e o total de ambas perfazendo 1725m.

TABELA 3
Dimensões dos fojos de paredes convergentes
Dimensiones de las trampas de paredes convergentes
Dimensions of the "fojo de paredes convergentes"

	média (m)	máximo-mínimo
ALTURA DO MURO	1,8	2,4 - 0,7
COMPRIMENTO DO MURO	324,0	1124,0 - 48,5
GROSSURA DO MURO	0,8	1,0 - 0,4
DIÂMETRO DO FOSSO	5,0	9,0 - 3,2
PROFUNDIDADE DO FOSSO	2,2	2,6 - 1,7
ABAS DAS CÁPIAS	---	0,1 - 0,2

Na maior parte dos fojos de paredes convergentes, principalmente nos de maiores dimensões, existem portas que são simplesmente um corte na continuidade das paredes de forma a permitir a circulação do gado e pessoas. Estas portas podem ser portelos de pequenas dimensões, suficientes para a passagem dum ser humano, ou de grandes dimensões (até 14m de largura), que serviriam para a livre circulação do lobo sem ser em dias de batida, para a passagem de grandes rebanhos de caprinos e ovinos, ou mais recentemente para máquinas agrícolas. Nos dias de batida, estas portas eram previamente fechadas com pedras ou paus, ou guardadas por caçadores, para impedirem a fuga do lobo.

Um facto interessante que foi possível detectar, é a forma do fosso deste tipo de fojo. Com efeito, todos os fojos de paredes convergentes, confirmados até à data em Portugal e na Galiza e o Chorco de Valdeón, em León (Murga 1978), possuem um fosso de forma circular, enquanto que todos os fojos referidos na bibliografia existentes em Santander (Braña et al. 1982), Burgos (Murga 1978, Grande del Brío 1984) e Alava (Murga 1978, Grande del Brío 1984), possuem um fosso de forma quadrada ou rectangular.

Outra característica deste tipo de fojo, é a existência de pequenas casetas em pedra, na área entre as duas paredes, denominadas *esperas*, cuja função seria o abrigo de caçadores, para assustar e encaminhar o lobo até ao fosso, evitando que este saltasse as paredes ou voltasse para trás.

Os fojos de paredes convergentes podem por vezes atingir uma grande densidade, localizando-se vários fojos muito próximos entre si. Estes fojos estão muitas vezes dispostos em volta de um vale, de forma que no decorrer de uma batida formam autênticas muralhas à passagem do lobo. Tal facto é referido por Murga (1978) em Loberas Viejas (Burgos) e verificado por nós na serra do Soajo (Arcos de Valdevez/ Portugal). Constata-se outra concentração de fojos na vertente Sul da serra do Gerês (Montalegre/ Portugal), onde, no entanto, não são utilizados simultaneamente. Neste caso, a localização e utilização dos fojos será uma adaptação aos movimentos de transumância do gado. Os fojos localizados a maior altitude seriam utilizados no Verão, altura em que o gado, e consequentemente o lobo, se encontra nas pastagens de altitude, enquanto que os fojos localizados junto às aldeias, nos vales, seriam utilizados no Inverno, altura em que o gado pasta junto à aldeia, frequentando o lobo também mais essa área.

De acordo com os dados recolhidos durante o presente estudo, verificou-se que em Portugal e na Galiza, a grande maioria dos fojos não é utilizada há mais de 200 anos e alguns outros entre 100 e 200. No entanto, na bibliografia consultada em Espanha as últimas utilizações deste tipo de fojo parecem ter sido em meados deste século, como aconteceu nas Loberas de Gurdietta e de Santiago, em Burgos, e no Chorco de Valdeón, em León (Murga 1978, Grande del Brío 1984). Em Portugal, a sua utilização ter-se-á prolongado até mais tarde uma vez que nas serras portuguesas que hoje constituem o Parque Nacional da Peneda-Gerês, muitos fojos eram ainda utilizados na primeira metade deste século. Em meados do século, haveria ainda pelo menos um fojo activo por cada uma das principais serras desta região. Seria em fins da década de 70, no Fojo do Soajo, que se realizava a última batida ibérica conhecida, num fojo de paredes convergentes. Em 1984 efectuou-se uma nova batida neste mesmo fojo, embora fosse por iniciativa de um habitante, com o objectivo do seu registo videográfico, e não para a captura de lobos.

De referir que nas últimas décadas, devido à proliferação das armas de fogo nas batidas efectuadas com a utilização do fojo, os lobos eram abatidos antes de atingirem o fosso, remontando à primeira metade do século, a última captura de um lobo no fosso de um fojo de paredes convergentes.

Por outro lado, parece também ser possível o aproveitamento do fosso do fojo de paredes convergentes, como um fojo simples, normalmente de alçapão giratório, quando as paredes do fojo original se deterioravam. Este facto, que parece ter acontecido em certas regiões da província de Ourense (Galiza), poderá ter resultado do exódo rural, que não permitia juntar um número suficiente de pessoas para efectuar batidas, mas onde permanecia a necessidade de combater o lobo.

A origem do fojo de paredes convergentes é bastante difícil de localizar. Pela existência de fontes documentais, sabe-se que determinados fojos deste tipo, foram construídos durante os séculos XVI, XVII e XVIII (Grande del Brío 1979, 1984). Murga (1978), considera que alguns destes fojos poderão ter uma origem pré-histórica e Llano Cabado (1983) menciona uma referência do ano de 994 (Séc. X), que parece dizer respeito a um fojo deste tipo.

Embora o objectivo do fojo de paredes convergentes fosse a captura de lobos, era possível, com o decorrer da batida, que vários outros animais silvestres caíssem no fosso, tais como o javali (*Sus scrofa*), o veado (*Cervus elaphus*), a raposa (*Vulpes vulpes*) e o lince (*Lynx pardina*) (Flower 1971, Murga 1978, Grande del Brío 1984). Murga (1978), refere a utilização dos muros e o fosso da Lobera de Castrobarro (Burgos), para encurralar e caçar cavalos selvagens.

2. Fojo de Cabrita

Em Espanha denominado *Calecho ou Caleyó* (Asturias), *Cortello* (Zamora e Galiza), *Corral* (León) e *Foxo de Cabrita ou Curro* (Galiza).

É constituído por um recinto fechado por um muro de pedra, colocando-se no interior um isco vivo (Figura 2). O lobo, atraído pelo isco, entraria no fojo, cuja parede permite uma fácil entrada, mas torna quase impossível a saída, através do seu modo de construção e da existência de cápias. Estas, são lages de pedra que eram colocadas na parte superior do muro, e que normalmente eram mais largas que a grossura deste.



Figura 2. Fojo de cabrita (Fonte: Grande del Brío 1979)

Trampa de cabrita (Fuente: Grande del Brío 1979)

A entrada do lobo no interior do fojo era facilitada quer pelos diversos pontos no exterior da parede onde a sua altura era bastante baixa, quer pela colocação de troncos de árvores e outra vegetação encostados à parte exterior da parede.

O isco utilizado neste tipo de fojo era quase exclusivamente um cabrito, embora a ovelha e o cão também pudessem ser utilizados (Castelo Branco 1903, Flower 1971). O animal era colocado, à vez, por cada proprietário que possuísse gado e que assim, estivesse sujeito ao prejuízo provocado pelo lobo.

Muitas vezes, o animal utilizado como isco era ainda recuperado vivo após a captura do lobo, quer devido à existência de um penedo onde a cabra se refugiava, quer pela indiferença ao isco por parte do lobo, depois de se ver capturado no fojo.

O fojo de cabrita, era normalmente construído nas proximidades de uma aldeia, a qual era responsável pela sua manutenção e utilização. O local de construção situava-se numa zona tanto de passagem frequente do lobo como de rebanhos de cabras, de forma a poder ser vigiado diariamente pelos pastores da aldeia.

Alguns fojos de cabrita possuem certas características que não são comuns a todos eles, tal como o Fojo de Parada (Portugal), que possui um penedo no seu interior, para que a cabra se pudesse refugiar e onde existe uma pia escavada na rocha, onde se colocava água para o animal beber.

Depois do fojo de paredes convergentes, é a estrutura para a captura de lobos mais referida na bibliografia.

A Tabela 4 possui as dimensões deste tipo de fojo, resultado das medições efectuadas nos 5 fojos de cabrita, por nós caracterizados até agora.

TABELA 4
Dimensões dos fojos de cabrita
Dimensiones de las Trampas de Cabrita
Dimensions of the "fojo de cabrita"

	média (m)	máximo-mínimo
ALTURA DO MURO	2,4	2,9 - 2,1
GROSSURA DO MURO	1,1	1,4 - 0,7
DIÂMETRO	38,0	72 - 15
PERÍMETRO	144,0	231,0 - 79,0
ABAS DAS CÁPIAS	---	0,2 - 0,3

Os fojos de cabrita são estruturas de dimensões razoáveis, quer no diâmetro quer na grossura e altura do muro (Tabela 4). Grande del Brio (1984), considera o fojo de Langre (León), com 35m de diâmetro, como o maior que tem conhecimento em Espanha. No entanto, verificámos que os fojos deste tipo caracterizados em Portugal, são todos eles de dimensões superiores.

De acordo com os dados por nós obtidos, a última captura de um lobo conhecida neste tipo de fojo, remonta à década de 50, em Lubián (Zamora/Espanha). Em Portugal, e que se tenha conhecimento, o último fojo deste tipo utilizado foi em 1917, em Outeiro (Montalegre), tendo-se capturado dois lobos simultaneamente. No início da década de 80, o fojo de Lombadilha (Arcos de Valdevez/Portugal), depois de restaurado pelos habitantes locais, foi utilizado algumas vezes, sem no

entanto se ter capturado qualquer lobo. No entanto, baseados nos dados obtidos por inquéritos, a grande maioria deste fojos na Península ibérica terá tido o seu último lobo capturado há mais de 200 anos.

A escassez de fontes documentais sobre este tipo de fojo, torna bastante difícil localizar, no tempo, a sua origem. As similaridades da sua construção com a do fojo de paredes convergentes, permite-nos supor que se localizará em datas próximas à construção destes.

3. Fojo Simples

Em Espanha denominado *Pozu*, *Foxu* (Astúrias), *Couso* (León), *Curro* (Galiza) e *Hoyo* (Cantábria).

É constituído por um simples buraco no chão, situado muitas vezes em sítios estratégicos de passagem habitual do lobo, onde o canídeo caía, através de diversos meios. Assim, poderia estar associado a uma batida que levaria o lobo até ao local do fojo que era previamente disfarçado por vegetação ou poder-se-ia colocar um isco, morto ou vivo, no seu interior de forma a atrair o lobo. Por vezes, o buraco poderia ainda ter uma estaca afiada no seu interior, espetada no solo, de forma a ferir ou matar o lobo, quando este caísse no seu interior (Grande del Brío 1979) (Figura 3).

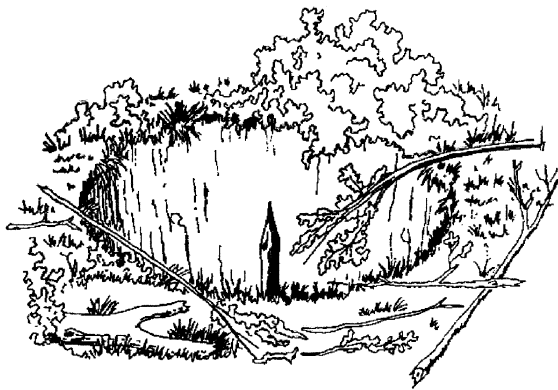


Figura 3. Fojo simples (Fonte: Grande del Brío 1979)

Trampa simple (Fuente Grande del Brío 1979)

Em certas regiões da Península, o lobo caía no interior do fojo simples, através de um mecanismo a que denominamos alçapão giratório. As referências documentadas deste mecanismo resumem-se a Valverde (1971). Com base em testemunhos orais, pensamos que é possível que fosse constituído por uma plataforma de madeira com um eixo central giratório onde se colocava o isco. Este tipo de fojo simples

parece ter existido em certas regiões do noroeste de Portugal, na região entre as províncias de Ourense e Lugo e nos Ancares. Segundo Valverde (1971), existem também na Sanábria.

Normalmente o fojo simples era uma cova aberta no terreno, embora mais recentemente, o buraco poderia ter as paredes emparelhadas com pedra, numa forma mais ou menos tosca. Com o objectivo de se tornar mais resistente, poderia estar encimado no bordo, por uma série de lages.

O fojo simples, era uma armadilha não selectiva, utilizada para caçar várias espécies, entre as quais, o lobo. Actualmente, parece ser ainda utilizada para caçar lobos em certas regiões da Galiza, embora, para Portugal, Primavera (1998) refira somente a sua utilização para a captura de javalis. A origem deste tipo de fojo será bastante antiga, remontando a sua utilização aos caçadores paleolíticos (Fernández de Córdoba 1963, Braña et al. 1982). Fernández de Córdoba (1963), refere a sua frequente utilização, em Espanha, durante a época visigótica. Contudo, em território Galego, temos conhecimento da abertura bastante recente, por meio de retroescavadoras, de um fojo deste tipo, para a captura de lobos, e Iglesia Hernandez (1971) refere a construção dum fojo simples, possivelmente do tipo de alçapão giratório, na década de 70, onde se capturaram sete lobos em poucos mais de um mês.

O fojo simples estará muito provavelmente na origem dos outros tipos de fojos mais complexos.

4. Fojo de Alçapão

Como já foi referido, o fojo simples poderia por vezes ter uma variante onde o lobo caía no seu interior por meio de um sistema mecânico em forma de alçapão giratório. No entanto, Primavera (1998), refere a existência de um outro tipo de fojo, muito mais complexo e elaborado, que, também recorre a um mecanismo que despoleta a queda de uma parte da estrutura, ficando o lobo prisioneiro no seu interior. Todavia, o estado de conservação e a antiguidade deste tipo de fojos tornam difícil a sua correcta caracterização. Segundo Primavera (1998), este fojo será constituído por uma estrutura rectangular de pedra, com cerca de cinco metros de comprimento e três de largura, com uma rampa lateral dando acesso ao seu topo. Este estaria coberto por um estrado de madeira, onde se colocava um isco (vivo ou morto). O lobo ao aproximar-se do isco, teria de passar uma zona do estrado que com o seu peso levava à sua queda. (Figura 4)

À parte dos dois exemplares conhecidos por Primavera (1998), que se encontram em avançado estado de degradação, não encontramos qualquer outra referência à sua existência. Devido ao pequeno volume de informação que se possui acerca deste fojo, torna-se difícil precisar a época da sua construção, assim como a data da sua última utilização, que terá ocorrido seguramente há mais de um século.

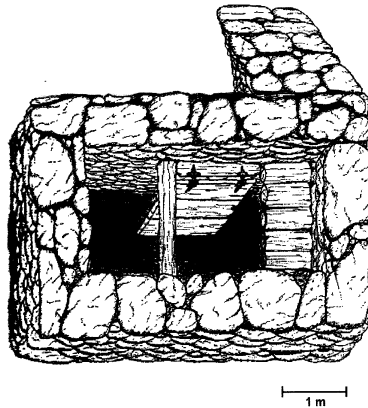


Figura 4. Fojo de alçapão - vista superior (Fonte: Primavera 1998)

Trampa de trampilla (Fuente Primavera 1998)

5. “Corral”

À semelhança do fojo de alçapão, a única referência obtida da sua existência foi um trabalho de Braña et al. (1982). Segundo estes autores, esta armadilha consiste num cercado, feito com uma série de estacas próximas entre si e unidas por arame farpado, de cerca de 5 metros de diâmetro e dois metros de altura. No interior desta cerca, existe uma pequena construção de pedra, onde se prende um cão como isco. Cobre-se a cerca de arame com vegetação (giestas e urzes), deixando-se dois pequenos espaços abertos (entre estacas mais próximas entre si), nos quais se colocam laços, que capturam o lobo quando este tenta entrar no cercado para predar o cão (Figura 5).

Este tipo de armadilha ainda se utiliza na actualidade (Braña et al. 1982). Tendo em conta os materiais utilizados na sua construção, a sua origem deverá remontar ao presente século.

Distribuição

Os fojos referenciados, situam-se, na sua grande maioria, em áreas montanhosas. Tal facto pode dever-se ao reflexo da sua distribuição real, limitada às serras onde o lobo era mais abundante, ou, por outro lado, ao que restaria duma distribuição bastante mais alargada aos vales e terras baixas. A existência de fojos de paredes convergentes, referida por Grande del Brio (1984) há alguns séculos, nas imediações das cidades de Oviedo e de Santiago de Compostela, parecem corroborar a segunda hipótese. Estas estruturas começaram a cair em desuso nas zonas

baixas, onde o lobo foi extinto, e, devido à humanização dessas áreas, as suas ruínas desapareceram por completo. Nas serras pouco humanizadas, o lobo ainda sobrevivia, e conseqüentemente, permaneceu até mais tarde o hábito da utilização dos fojos, o que permitiu a sua conservação até hoje.

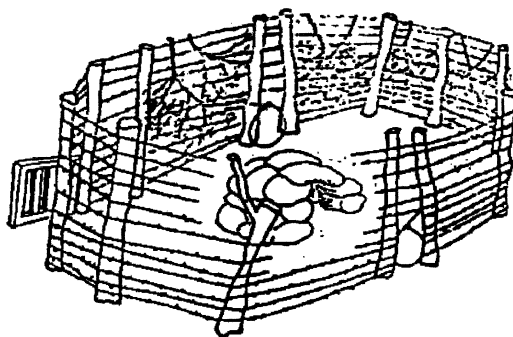


Figura 5. «Corral» (Fonte: Braña et al. 1982)

Corral (Fuente Brana et al. 1982)

O fojo de paredes convergentes, ocorre de uma forma descontínua por todo o Norte Ibérico, nomeadamente, nos principais sistemas montanhosos do noroeste de Portugal (Serra de Arga e Serras a Norte do Marão até à fronteira), na Galiza (cordilheira central galega, serras do Sul e Este da província de Ourense, e Este da província de Lugo), na Cordilheira Cantábrica, nos Montes Bascos e nas Serras de Burgos (Figura 6).

Uma hipótese explicativa da distribuição deste tipo de fojo, poderá estar nas características sócio-económicas das populações rurais que habitam nessas serras. A batida subjacente ao fojo de paredes convergentes, traduz a existência de um espírito comunitário, característico das comunidades agro-pastoris dos principais maciços montanhosos do Norte Ibérico.

Além disso, a área por onde se distribui o fojo de paredes convergentes, coincide de grosso modo com a das serras onde se pratica uma pastorícia de gado cavalari e/ou bovino em regime de semi-liberdade. A alimentação do lobo nestas áreas é baseada nestas raças de equinos, efectuando assim elevados prejuízos económicos (Fernández et al. 1990, Álvares 1995, Llaneza et al. 1996, Alonso y Agulló 1997). E assim, é possível que os fojos de paredes convergentes e a batida a eles associada, fossem o instrumento mais eficaz na captura de lobos numa paisagem agreste, com muito abrigo para o predador e povoamento humano bastante disperso.

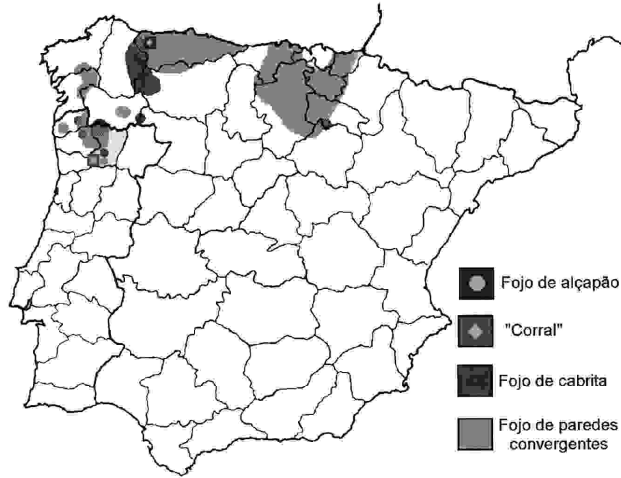


Figura 6. Distribuição ibérica dos diferentes tipos de fojos
Distribución ibérica de los distintos tipos de trampas para lobos
Iberian distribution of the distinctive types of wolf-traps

O fojo de cabrita, tem, aparentemente, uma área de distribuição mais restrita que o fojo de paredes convergentes, parecendo estar limitado ao extremo Noroeste Ibérico (Figura 6). Verifica-se que esta distribuição está inserida numa região de grande uniformidade cultural e etnográfica que corresponde ao actual território galego e Norte de Portugal. Além disso, todas estas serras se caracterizam por possuírem grandes efectivos pecuários, principalmente caprinos e ovinos, e onde o lobo provoca grandes prejuízos. Este tipo de fojo, poderá ter surgido pela necessidade de controlar o lobo numa forma indirecta e passiva, uma vez que a orografia da região dificultava a sua perseguição directa.

A existência, nos Picos de Urbión, em Soria (Garcia y Asensio 1995), de um fojo que aparentemente se incluiria neste tipo, faz-nos pensar que, no entanto, o fojo de cabrita poderá ter uma distribuição mais alargada.

O fojo de alçapão e o "Corral", são muito localizados (Figura 6). Só se tendo conhecimento de dois exemplares, localizados respectivamente, na Serra do Alvão (Vila Real - Portugal) (Primavera 1998), e nas serras Asturianas próximas da Galiza (Braña et al. 1982).

O fojo simples, em pelo menos algumas das suas variantes, estendeu-se, com toda a certeza, por todo o espaço ibérico e, inclusivamente, a França (Flower 1971, Braña et al. 1982, Grande del Brío 1984), sendo possível que fosse utilizado em épocas históricas ou pré-históricas, na captura de caça maior, nomeadamente, o lobo, em várias regiões do planeta.

Excluindo o fojo simples, todos os outros tipos de fojos parecem ser exclusivos do norte ibérico, não se conhecendo qualquer referência escrita ou oral à sua existência a sul do rio Douro, ou mesmo em outra região do mundo.

A única excepção encontrada por nós, é a existência nos Himalaias Indianos, de armadilhas em pedra destinadas à captura de lobos, muito semelhantes na estrutura e funcionamento ao fojo de cabrita ibérico, embora de muito menores dimensões (Fox y Chundawat 1995). À semelhança dos fojos ibéricos, estas estruturas situam-se junto às aldeias, em regiões montanhosas, correspondentes a áreas de pastagem de Verão do gado (Yak), também pastoreado em regime extensivo (Fox y Chundawat 1995).

A razão pela qual os fojos mais elaborados, como os de cabrita, de paredes convergentes e os de alçapão, parecem limitar-se ao norte ibérico, é sem dúvida uma das mais interessantes questões ligadas a estas estruturas.

É possível que tal facto se prenda à cultura dos habitantes que viviam nas dispersas e isoladas aldeias espalhadas pelas serras do norte da Península Ibérica. Esta é uma região caracterizada por uma grande religiosidade e existência de superstições e mitos, onde o lobo tem uma grande simbologia sobrenatural e anti-cristã. Deste modo, matar um lobo não era só eliminar um matador de rebanhos, mas também um representante de Satanás e da bruxaria. Por essa razão, e tendo em conta a orografia e vegetação desta região, que dificultavam a perseguição e abate directo do lobo, era necessário a recorrência a outros tipos de meios que tornassem mais eficaz o controle dos lobos. Os fojos seriam o instrumento ideal, apesar do enorme esforço que envolvia a sua construção, esforço esse ultrapassado pelo espírito comunitário das aldeias desta zona.

Ameaças e Conservação

O aparecimento de eficazes e fáceis meios de exterminar o lobo, nomeadamente o uso de estricnina a partir do início do séc. XIX e a proliferação das armas de fogo, a partir do início deste século, ditou, de uma maneira geral, o fim da utilização dos fojos. A partir daí, o esquecimento a que foram votados e a acção dos agentes climáticos, da vegetação e da actividade humana, fez com que se resumissem ao estado degradado em que actualmente se encontram.

O fojo simples, devido às suas características de construção, é uma estrutura pouco resistente e que, juntamente com o facto de há muito tempo não serem utilizados, faz com se encontrem num estado de conservação bastante mau. Este tipo de fojo, depois de cair em desuso, foi muitas vezes enchido propositadamente pelo homem, para impedir que gado e pessoas caíssem no seu interior. A percepção do que resta destes fojos no terreno, é, assim, bastante

difícil, tendo muitos deles desaparecido completamente. A sua conservação e reconstrução, embora de inegável interesse, pode estar seriamente comprometida devido à inexistência de documentação e registos para utilizar como fundamento para a sua recuperação.

No fojo de alçapão, devido ao escasso número de exemplares conhecidos, à sua antiguidade e ao seu mau estado de conservação, o problema é semelhante ao existente com o fojo simples. A originalidade e elevado interesse do fojo de alçapão, justifica um intenso trabalho de pesquisa com vista à sua reconstrução, conservação e eventual divulgação turística. A proximidade dos dois exemplares conhecidos a uma área protegida - o Parque Natural do Alvão - só vem a reforçar a necessidade do estudo e salvaguarda desta estrutura única, na qual o espaço protegido deveria ter uma forte intervenção.

Em relação aos fojos de paredes convergentes e de cabrita, apresentamos dados mais concretos, tendo por base a amostra obtida.

Em relação ao seu estado de conservação, é de referir que foi considerado *Vestigial* quando a estrutura se encontrava até 25% intacta, *Parcial* quando 26%-75% da estrutura se encontrava intacta e *Integral* quando mais de 75% estava intacta.

O bom estado de conservação de alguns dos fojos de paredes convergentes e de cabrita que foram caracterizados, deve-se a duas razões. Por um lado, devido à recente data da sua última utilização (Fojo do Soajo), por outro devido à recente restauração de algumas destas estruturas, da iniciativa de áreas protegidas (Fojo de Fafião), dos próprios habitantes (Fojo de Lombadinha) ou da autarquia (Fojo de Gondomar).

Para os fojos de paredes convergentes, verificou-se que o roubo de pedra com vista ao seu aproveitamento para a construção civil, é a ameaça mais frequente (Tabela 5). Também o derrube voluntário de pedras, principalmente por parte dos pastores, e a construção de estradões florestais, são duas causas importantes na destruição destes fojos. Pela análise da Tabela 5, é bem evidente que a acção das causas naturais (erosão) é pequena, quando comparada com as causas humanas. De referir que os fossos dos fojos de paredes convergentes mantêm-se, por vezes, em bom estado de conservação, excepto em zonas muito frequentadas por gado e pessoas, onde, à semelhança dos fojos simples, são voluntariamente aterrados (Tabela 6). As paredes devido à extensão que ocupam, estão mais sujeitas à acção de várias ameaças, estando por isso mais danificadas (Tabela 6).

Os fojos de cabrita, por estarem mais limitados no espaço do que os fojos de paredes convergentes, estão menos sujeitos à acção de factores que possam provocar a sua destruição, encontrando-se, por isso, relativamente bem conservados (Tabelas 7 e 8).

TABELA 5
 Ameaças aos *fojos de paredes convergentes*
 Amenazas a las *trampas de paredes convergentes*
 Treats to the “*fojos de paredes convergentes*”

	Percentagem
ESTRADÕES	17,2%
FLORESTAÇÕES	17,2%
EROSÃO	13,8%
APROVEITAMENTO DE PEDRA	27,6%
VANDALISMO	24,2%

TABELA 6
 Estado de Conservação dos *fojos de paredes convergentes*
 Estado de Conservación de las *trampas de paredes convergentes*
 Conservation status of the “*fojos de paredes convergentes*”

	Percentagem	
	MUROS	FOSSOS
VESTIGIAL	35,7%	57,2%
PARCIAL	49,0%	14,2%
INTEGRAL	15,3%	28,6%

TABELA 7
 Ameaças aos *fojos de cabrita*
 Amenazas a las *trampas de cabrita*
 Treats to the “*fojos de cabrita*”

	Percentagem
FLORESTAÇÕES	17,0%
EROSÃO	17,0%
APROVEITAMENTO DE PEDRA	17,0%
VANDALISMO	49,0%

TABELA 8
 Estado de Conservação dos fojos de cabrita
Estado de Conservación de las trampas de cabrita
Conservation status of the "fojos de cabrita"

	Percentagem
VESTIGIAL	17,0%
PARCIAL	24,0%
INTEGRAL	49,0%

À semelhança do que acontece com os fojos de paredes convergentes, o desrespeito dos habitantes locais por estas estruturas, reflectida na sua destruição voluntária, principalmente pelos pastores (tal como nos foi confessado pelos próprios), constitui a principal ameaça à sua conservação.

Por isso, pensamos ser de grande importância a realização de sessões de divulgação do valor científico, cultural e até económico destas estruturas, junto das populações rurais, especialmente das gerações mais novas. Com efeito, os jovens desconhecem muitas vezes a própria existência e localização dos fojos nas proximidades das suas aldeias.

A divulgação turística destas estruturas poderá ser de extrema importância, não só por alertar as entidades políticas regionais e nacionais, para a sua existência e para a importância da sua conservação, como também para os habitantes locais, e como forma de rendimento económico.

Neste caso, o papel de possíveis áreas protegidas é de grande importância, tal como foi referido para o caso do fojo de alçapão.

Não podemos deixar de referir o exemplo do Parque Nacional da Peneda-Gerês, região que ainda hoje possui uma estável população de lobos. Esta área protegida, a única a possuir o estatuto de Parque Nacional em Portugal, é com toda a certeza o espaço protegido com maior número e variedade de fojos na Península Ibérica, e consequentemente no Mundo. Até este momento, foi confirmada a existência de 13 fojos de paredes convergentes, 4 fojos de cabrita e 1 fojo simples dentro da área deste Parque. Além disso, por ser dos últimos locais onde se efectuaram batidas em fojos de paredes convergentes, foi possível encontrar nas aldeias pessoas que ainda mantêm bem viva a lembrança e o espírito da batida ao lobo, o que é de inegável valor antropológico e etnológico. Com tudo isto, pensamos que o PNPG tem uma grande responsabilidade na conservação e divulgação dos fojos.

Por fim, verificámos que esta será a altura ideal para efectuar um estudo e actuar na conservação e recuperação dos fojos, uma vez que ainda encontramos uma

geração mais idosa de habitantes rurais que têm um bom conhecimento sobre alguns fojos e pormenores relativos à sua utilização. Tal facto, é ainda mais agravante já que as gerações mais recentes, sem raízes culturais à terra onde nasceram, perderam a passagem tradicional de cultura de geração para geração e desconhecem quase por completo pormenores da sua utilização e até mesmo a sua existência.

AGRADECIMENTOS

Este estudo faz parte do "Projecto Signatus", linha de investigação desenvolvida pelo Grupo Lobo. Agradecemos a Ricardo Alvarez e Paco de la Torre pela ajuda no trabalho de campo, a Sara Roque pela ajuda no trabalho de campo e na revisão do manuscrito e a Pedro Primavera e a Alberto Hernando pela cedência de bibliografia e de informações inéditas.

REFERENCIAS

- ALONSO, P. E M. AGULLÓ (1997). *Alimentação do lobo numa área da aproveitamento de cavalos em liberdade a sudoeste da Galiza. Conflitividade social derivada e propostas de gestão*. Livro de Resumos I Congresso Hispano-Luso sobre a situação e conservação das populações de lobo na Península Ibérica. Soria: pp.47 *Comunicação oral*
- ÁLVARES, F. (1995). *Aspectos da distribuição e ecologia do lobo no noroeste de Portugal. O caso do Parque Nacional da Peneda-Gerês*. Relatório de Estágio Profissionalizante para obtenção de Licenciatura em Recursos Faunísticos e Ambiente. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa 51pp.
- BRAÑA, F., J. C. DEL CAMPO E G. PALOMERO (1982). Le loup au versant nord de la Cordillière Cantabrique. *Acta Biol. Montana*, 1: 33-52.
- CASTELO BRANCO, C. (1903). *O Degredado*. Novelas do Minho, 2º Ed., Lisboa.
- FERNÁNDEZ, A., J. M. FERNÁNDEZ E G. PALOMERO (1990). *El lobo en Cantabria*. Pp: 33-44 in Blanco, J. C.; L. Cuesta e S. Reig, (eds). *El lobo (Canis lupus) en España. Situacion, problematica y apuntes sobre su ecologia.* ICONA, Colección Técnica, Madrid, 118 pp.
- FERNÁNDEZ DE CÓRDOBA, F. P. F. (1962). *Sobre el lobo, y su presencia en Galicia*. Cuadernos de Estudios Gallegos. Tomos XVIII - 54: 92-118.
- FLOWER, E. (1971). *Lobos em Portugal (1933-1957)*. Publicação da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, Lisboa, 70 pp.
- FONTES, A. L. (1992). *Etnografia Transmontana. O comunitarismo de Barroso*. Vol. II. Ed. Domingos Barreira, Lisboa, 226pp.
- FOX, J. L. E R. S. CHUNDAWAT (1995). *Wolves in the transhimalayan region of India: The continued survival of a low-density population*. Pp. 95-103 in Carbyn, L.N.; Fritts, S.H. & D. R. Seip (ed.). *Ecology and conservation of wolves in a changing world*.
- GARCÍA, J. M. (1995). *História de la Fauna de Soria*. Tomo I. A.S.D.E.N. Soria, 573pp.
- GARZÓN, J. (1974). *Especies en peligro- El Lobo*. *Adena- Revista de la Asociacion para la Defensa de la Naturaleza*, 8: 6-13pp
- GRANDE DEL BRÍO, R. (1979). *Antiguas trampas para cazar lobos*. *Trofeo*, 108: 21-23.
- GRANDE DEL BRÍO, R. (1984). *El lobo ibérico. Biología y mitología*. Série Ciências de la Naturaleza. Ed. Hermann Blumme, Madrid, 344pp.
- GRANDE DEL BRÍO, R. E A. HERNANDO (1982). *La caza histórica del lobo*. *Trofeo*, 144: 34-38.
- GUTIÉRREZ NUÑO, A. E J. I. NUDI (1994). *Las loberas*. *Trofeo*, 294: 66-69.

- IGLESIA HERNÁNDEZ, P. (1971). *Los caballos gallegos explotados en regimen de libertat o los caballos salvages da Galicia*. Tesis Doctoral.
- LLANEZA, L., FERNÁNDEZ, A. E C. NORES (1996). Dieta del lobo en dos zonas de Asturias (España) que difieren en carga ganadera. *Doñana, Acta Vertebrata*, 23 (2): 201-213.
- LLANO CABADO, P. (1983). *Arquitectura popular galega*. Ed. Colegio Oficial de arquitectos de Galicia.
- MURGA, F. (1978). Catálogo de loberas de las provincias de Alava, Burgos y León. *Kobie*, 8: 159-189
- PATIÑO, X. M. (1985). *O lobo*. Sociedade Galega de História Natural. Nº4. Santiago de Compostela. 39pp.
- PINHO LEAL, A. S. A. B. (1873). *Diccionario geographico, estatistico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande número de aldeias*, 1. Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, Lisboa, 512pp.
- PRIMAVERA, P. (1998). *O Fojo do Lobo - Etnotecnologia do Norte de Portugal*. Seminário de Investigación. ISCSF Lisboa
- SOUSA, T. (1909). *Serra do gerez: estudos, aspectos, paisagens*. Livraria Chardon. Lisboa
- VALVERDE, J. A. (1971). El lobo español. *Montes*, 159: 229-241.